

Arte e imagem

Outra imagem: as imagens e os corpos

Aldo Victorio Filho¹

Denise Espírito Santo¹

Pretendemos neste texto insistir na exploração de canais de conhecimento que atravessam e participam da formação escolar, mas, ainda são muito pouco considerados nas formulações e aplicações curriculares formais. Referimo-nos objetivamente às potências das imagens visuais em inseparável relação com o corpo que vê e produz imagens. Reiteramos também a relevância da Cultura Visual como dimensão formativa que, a despeito dos interesses, reconhecimento e programações escolares, vem exercendo forte participação na produção de subjetividades e nas relações sociais que urdem às sociedades contemporâneas. O panorama das imagens visuais açambarca todas as superfícies alcançáveis pelo olhar e a cultura visual, em sentido amplo, avança se não por todos esses campos com imagens efetivas, os alcança via os olhares que percorrem e criam o mundo, por sua vez, contaminados por todos os percursos e experiências que os constituem. Perceber qualquer objeto visual implica na ativação da memória das experiências e nos acervos de afetos por elas criados. O que vimos em momentos passados participa de uma forma ou de outra do que nosso olhar encontra e reencontra. Assim, cada percepção visual ampliaria e conduziria a próxima experiência, o próximo olhar a captar o mundo e a existência, seja na aceleração

¹ Professores do Instituto de Artes – UERJ e pesquisadores do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (UERJ/UFRRJ)

da vida cotidiana, seja na suspensão do ordinário para a realização do excepcional. O jogo permanente das imagens visuais acompanha e assedia a vida continuamente, exigindo, portanto, espaços mais confortáveis à sua discussão, de forma fecunda, a favor de uma Educação compatível com a formação que a vida atual exige. Aferir a amplitude desse desafio exige inicialmente considerar o avanço acelerado e contínuo dos canais de circulação imagética sedutoramente abertos às crianças e aos jovens. Aspecto que nos interessa especialmente na medida em que o ensino das artes integra a formação escolar obrigatória a qual todos os brasileiros e as brasileiras são beneficiários e ou condenados. E a imagem visual, com seus riscos e benefícios, convoca diálogos multidisciplinares e é o território das artes o mais vocacionado para os necessários enfrentamentos e aproveitamentos.

O que denominamos Cultura visual é um *espaçotempo* ou dimensão sócio histórica, instituída e em movimento atuante que açambarca vasta diversidade de informações cujos sentidos são visualmente articulados. A Cultura Visual é marcada pela multidisciplinaridade e se conecta com todas as linguagens em benefício da ampliação dos sentidos para além das cercanias da visualidade estrito senso e avança sobre vários domínios, comunicacionais, artísticos, poéticos, culturais, científicos, tecnológicos e etc.. Articula dessa forma, movimentos envolvendo muitas áreas de saber cujos campos específicos de conhecimento de alguma maneira trocam contribuições em menos ou maior grau de acordo com suas potencialidades epistêmicas.

É preciso considerar que meio ao risco concreto de absorção das imposições da comunicação dominante sempre surpreende a capacidade autoral de leitura e os modos de ver o que é imposto, o que assedia aos olhos. Meio ao assustador plano estratégico do domínio do mercado de alcance absoluto, as práticas dos praticantes cotidianos (Certeau, 2000) contradizem e se contrapõem ao destino aparentemente inexorável da falência política e da emancipação inalcançável decorrentes da cidade injusta. Contudo, se o mundo estilhaçado evidenciado nas imagens visuais, as quais, em sua predominante virtualidade, substituem realidades irreduzíveis, como a afetação dos corpos vibráteis (Rolnik, 1998) e a vital experiência estética que a todos fundou, pelos simulacros de vidas permanentemente substituíveis, a força de invenção de sentidos lateja sob a artificialização generalizada das e nas cidades, nas e das suas instituições. E são justamente



essas operações discretas e muitas vezes imperceptíveis que se desdobram oferecendo condições para existências autônomas e solidárias, como convêm a qualquer hipótese de sustentação coletiva fortalecida por uma escolarização pertinente, na qual o prazer, o corpo, a experiência estética, a criação poética, a criação artística e as imagens tenham espaço seguro para suas desconstruções e criações.



Referências:

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROLNIK Suely. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

As imagens são registros da performance "Paraíba em Liquidação" do Projeto Zona de Contato coordenado pela Professora Denise Espírito Santo e realizada na ação urbana em Barra Mansa em dezembro de 2012 com o apoio do coletivo de teatro 'Sala Preta'.